



EDUCAÇÃO

V.8 • N.2 • Março - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n2p16-30

INFÂNCIAS NAS DOBRAS DA NORMA: ENTRE NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE GÊNEROS NO CIBERESPAÇO

CHILDHOODS IN THE FOLDS OF THE NORM: BETWEEN
NARRATIVES AND GENDER EXPERIENCES IN CYBERSPACE

INFANCIA EN LOS PLIEGUES DE LA NORMA: ENTRE NARRATIVAS
Y EXPERIENCIAS DE GÉNEROS EN EL CIBERESPACIO

Raquel Gonçalves Salgado¹

Leonardo Lemos de Souza²

DOSSIÉ:

“CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CIBERCULTURA: MODOS DE
CONHECER, PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE E REDES EDUCATIVAS”

RESUMO

A internet configura-se como um contexto em que uma vasta diversidade de experiências e narrativas é compartilhada. Dentre estas, estão aquelas que se reportam a infâncias, antes reservadas sob a ordem do segredo e põem em existência novas corporeidades nos ambientes digitais da atualidade. Assim, este artigo analisa narrativas de infância no ciberespaço como aparecimento social de experiências e corpos infantis que transgridem as expectativas de gênero, pautadas em masculinidades e feminilidades normativas. A análise, especificamente, volta-se para narrativas e imagens (fotos escolhidas pelos/as autores/as dessas narrativas) que compõem as coletâneas *Chonguitas: masculinidades de niñas* (2013) e *Mariconcitos: feminidades de niños, placeres de infancia* (2017), sob o formato de livros digitais, disponíveis on-line. Destacam-se, nas análises, os corpos dissidentes de crianças em disputas com o ideário construído em torno da infância-inocente, no qual se sustentam as programações normativas de gênero e sexualidade, que se inscrevem nesses corpos por meio de uma semiótica que se multiplica e se expande em diversos espaços da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Infâncias. Narrativas. Gêneros. Ciberespaço.

ABSTRACT

The Internet is set up as a context in which a vast diversity of experiences and narratives is shared. Among these, there are those that concern to childhoods, rather reserved under the order of secrecy, and put into existence new corporeities in today's digital environments. Thus, this article analyzes childhood narratives in cyberspace as social appearance of children's experiences and bodies that transgress gender expectations, based on masculinities and normative femininities. The analysis, specifically, turns to narratives and images (photos chosen by the authors of these narratives) that compose the collections *Chonguitas: masculinidades de niñas* (2013) and *Mariconcitos: feminidades de niños, placeres de infancia* (2017), under the format of digital books, available online. We highlight, in the analyzes, the dissident bodies of children in disputes with the ideals built around childhood-innocent, in which the normative programs of gender and sexuality are supported, which are inscribed in these bodies by means of a semiotic that multiplies and expands in several spaces of life.

KEYWORDS

Childhoods. Narratives. Genders. Cyberspace.

RESUMEN

La Internet se configura como un contexto en el que una amplia diversidad de experiencias y narrativas es compartida. Entre estas, están aquellas que se refieren a infancias, antes reservadas bajo el orden del secreto, y ponen en existencia nuevas corporeidades en los ambientes digitales de la actualidad. Así, este artículo analiza narrativas de infancia en el ciberespacio como aparición social de experiencias y cuerpos infantiles que transgreden las expectativas de género, pautadas en masculinidades y feminidades normativas. El análisis, específicamente, se vuelve para narraciones e imágenes (fotos escogidas por los autores/as de esas narrativas) que componen las colecciones *Chonguitas: masculinidades de niñas* (2013) y *Mariconcitos: feminidades de niños, placeres de infancia* (2017), bajo el formato de libros digitales, disponibles en línea. Se destacan, en los análisis, los cuerpos disidentes de niños en disputas con el ideario construido en torno a la infancia-inocente, en el que se sostienen las programaciones normativas de género y sexualidad, que se inscriben en esos cuerpos por medio de una semiótica que se multiplica y se expande en diversos espacios de la vida.

PALABRAS CLAVE

Infancias. Narrativas. Géneros. Ciberespacio.

1 INTRODUÇÃO

As experiências contemporâneas, produzidas com um mundo, a cada dia, mais atravessado pelas tecnologias, têm se reconfigurado drasticamente. Desde o final do século XX, são visíveis as transformações que as relações com as máquinas têm provocado nos modos de pensar, nas sensibilidades, nas sociabilidades, na vida política. Muitas distinções, criadas para separar sujeitos e mundos e classificar fenômenos, vão se diluindo como modos estruturais de pensar (HARAWAY, 2016): as diferenças entre corpo e mente, natureza e cultura, físico e não físico são algumas delas.

Para tratar da derrocada dessas distinções, Donna Haraway (2016) trabalha com a figura do ciborgue, destacando a transgressão de fronteiras que ela provoca. Essa transgressão ressoa nas relações entre humano e máquina, sujeito e mundo, natural e artificial, entre outras. São dicotomias transgredidas que anunciam também fusões potentes, disparadoras de novas experiências, corporeidades e narrativas.

Este artigo debruça-se sobre narrativas de infância no ciberespaço como aparecimento social de experiências e corpos infantis que transgridem as expectativas de gênero, pautadas em masculinidades e feminilidades normativas. Para isso, dedicamo-nos a analisar narrativas e imagens (fotos escolhidas pelos/as autores/as dessas narrativas) que compõem as coletâneas *Chonguitas: masculinidades de niñas* (2013), organizada por Valeria Flores e Fabi Tron, e *Mariconcitos: feminidades de niños, placeres de infancia* (2017), organizada por Juan Manuel Burgos e Emmanuel Theumer.

Ambas as coletâneas estão disponíveis sob a forma de livros digitais, com livre acesso para *download*, em sites distintos² e são oriundas de projetos autogestados, desenvolvidos por ativistas argentinos/as feministas e/ou LGBTTT, em momentos diferentes (*Chonguitas* foi a primeira coletânea a ser produzida e, em seguida, veio *Mariconcitos*)³. Cada uma das coletâneas começou a ser organizada a partir de convocatórias on-line, em momentos e sites diferentes, para que pessoas postassem suas histórias e experiências de infância dissidentes em relação ao gênero e à sexualidade.

Além das narrativas escritas, nas duas convocatórias, foi solicitado aos/às autores/as o envio de uma fotografia da infância, de modo a conjugar imagem e escrita. Ao final de cada narrativa, é possível ter acesso a uma sucinta biografia de seus/suas autores/as.

Em *Chonguitas: masculinidades de niñas*, temos 44 narrativas de infância de pessoas de diferentes países latino-americanos, como Argentina, Chile, Peru, México, e de apenas um país europeu, que é a Espanha. Todas as narrativas, de diferentes formas, dão visibilidade a experiências de infâncias masculinizadas em corpos de meninas.

Também composta, em grande parte, por narrativas escritas por pessoas da América Latina, com exceção de uma, que é de um português, *Mariconcitos: feminidades de niños, placeres de infancia* reúne 75 narrativas de infâncias, em que as feminilidades encarnadas em corpos de meninos interrogam masculinidades normativas.

² Os livros digitais estão disponibilizados nos seguintes sites: <https://bit.ly/2NJOXM6> (*Chonguitas: masculinidades de niñas*) e <https://bit.ly/32ongwp> (*Mariconcitos: feminidades de niños*).

³ *Chonguitas* inicia-se em agosto de 2012 e *Mariconcitos*, em abril de 2016.

Ambas as coletâneas fazem existir infâncias que são silenciadas e sufocadas porque não correspondem ao ideário de criança construído secularmente na sociedade ocidental: o de uma criança sem sexualidade, sem desejos, destituída de seu próprio corpo. A força colonizadora desse ideário aparece em muitas narrativas como a marca de sofrimentos, mas também o ponto no qual se concentram as indagações e as resistências sobre as programações de gênero e sexualidade apoiadas na heterossexualidade, que se inscrevem, desde muito cedo, nos corpos das crianças por meio de uma semiótica que se multiplica e se expande em diversos espaços da vida. Nesse sentido, as narrativas analisadas, neste artigo, são de corpos de infância, nos quais normas e dissidências estão em disputas.

2 GÊNEROS, SEXUALIDADES E NARRATIVAS DE INFÂNCIA NO CIBERESPAÇO

Para Lévy (2009), o ciberespaço é o contexto oceânico de informações abrigado na matéria do universo digital e a cibercultura é o conjunto de técnicas, de práticas e de valores utilizadas no ciberespaço. Ambos mantêm uma relação de coprodução e se transformam mutuamente.

A consideração do ciberespaço, como o contexto de produção das narrativas sobre as dissidências de gêneros e sexualidades de crianças, em análise neste artigo, dispara algumas questões. Uma delas refere-se a situarmos quem produz essas narrativas e os seus efeitos na cultura. As narrativas dão-se num passado em que a memória é o recurso para acessar as experimentações dos gêneros nos corpos.

Adultos que, em seus processos de ressignificação das experiências da infância, são atravessados por gêneros e produzem modos de existir que jogam com a trajetória hegemônica da relação sexo-gênero (BUTLER, 2016a). Assim, as experiências da infância com os gêneros e as sexualidades estão imbricadas nas performatividades de masculinidades e feminilidades que escapam da cisgeneridade⁴.

A internet constitui-se num contexto em que essas experimentações (ou o processo de narrá-las) podem ser compartilhadas, produzindo efeitos sobre outras experiências que vão se conectando e formando alianças que visibilizam as existências de experiências infantis antes guardadas em segredo.

Iran Giusti⁵, a partir da plataforma Tumblr em 2012, reuniu e divulgou uma série de fotos, cujo título foi *Criança Viada*. As fotos têm títulos e referências sobre quem é na foto. O trabalho não tinha intenções de se tornar político, como diz o próprio Iran Giusti (2017), mas “convocou” centenas de pessoas que compartilharam suas memórias de infância, por meio das quais se identificavam como “crianças viadas e/ou crianças viadas sapatão”.

Assim como *Chonguitas* e *Mariconcitos*, o *Criança Viada* tem o efeito de fazer circular gêneros dissidentes em corpos que não eram possíveis resgatar ou visualizar no processo temporal. Podemos dizer que, com essas narrativas, há um registro mais explícito sobre as performatividades de gêneros na infância.

⁴ Cisgênero é um conceito que se refere às pessoas que se autoidentificam com o gênero que lhes foi designado em seu nascimento em função da aparência de seus genitais. O termo é utilizado em oposição às pessoas transgênero, as quais por sua vez não se identificam com a designação compulsória do gênero dada em seu nascimento (BAGAGLI, 2015).

⁵ Fonte: <https://bzfd.it/2HDqFiV>. Acesso em 12 de abril de 2019.

Esses modos de contar as infâncias, os gêneros e as sexualidades atuam como tecnologias de gêneros. Para De Lauretis (1994), inspirada em Foucault (1988), no que diz respeito ao conceito de dispositivo da sexualidade, atenta para a incorporação dos gêneros como efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais forjados no contexto de políticas da vida.

Considerar a internet como uma tecnologia de gêneros, levando em conta as narrativas que destacamos neste artigo, torna necessário lembrar que existem outras possibilidades infinitas de modulações narrativas sobre os gêneros nas redes sociais. Entretanto, destacamos o aspecto potente em fazer circular aquilo que está fora da norma e que ainda produz efeitos sobre outros processos de subjetivação, em que gêneros e sexualidades são visibilizados em experiências infantis pelas memórias adultas num contexto imagético.

Contar, ouvir/ver, passar adiante são aspectos da narrativa oferecidos por Walter Benjamin (1985) e que nos sinaliza que *Criança Viada*, *Chonguitas* e *Mariconcitos* são formas de promover uma visibilidade de experiências a outras crianças e/ou aos/às que já foram crianças nas experiências com seus gêneros e seus corpos.

Ainda no sentido dado por Benjamin (1985) sobre a experiência que se refere aos modos de viver no mundo e o sentido dado a esse mundo e a nós mesmos, podemos, também, considerar que a produção de narrativas de gêneros de crianças nas redes sociais e na internet pode disparar outras produções de sentidos numa relação alteritária, em que os gêneros fora da norma na infância colocam à prova o roteiro cisnormativo presente nas narrativas hegemônicas na ciência e na cultura.

3 NAS NARRATIVAS DE INFÂNCIA, CORPOS NAS DOBRAS DAS NORMAS

A infância, capturada pela narrativa do desenvolvimento, não tem como escapar do presente como o tempo dos investimentos sociais, das aprendizagens, da formação, da invocação de um conjunto de prerrogativas para crianças e adultos, com vistas à pedagogização e à disciplinarização. Claudia Castañeda (2002) destaca que a ideia da infância como o tempo da inocência e da ignorância dispara um conjunto de teorizações sobre a criança, que operam como os seus regimes de inteligibilidade. Nos enquadres desses regimes, o passado da infância é forçado a fazer reverências ao futuro programado da vida adulta. Quando essa virtualidade escapa da rota da normalização do adulto, torna-se um devir ameaçador.

A infância como o marco da inocência original e da trajetória progressiva a um *telos*, habitado por corpos e vidas perfeitos, íntegros e sem falhas, é, para Donna Haraway (2016), a história de uma política reprodutiva. Nessa história, corpos infantis diferentes, dissonantes e híbridos não têm lugar, porque não se encerram dentro de uma identidade que se perfaz num processo de gradação até atingir a meta da vida adulta autocentrada, produtiva, autossuficiente e heteronormativa. Também, os direitos das crianças aos seus próprios corpos são vetados, porque não há outra possibilidade de existirem se não estiverem sob o governo dos adultos, seja pela via dos cuidados, da educação, da proteção, seja, inclusive, pela via das violações.

Figura 1 – “El postrecito”, de Nicolás Cuello



Fonte: Cuello (2017, p. 126).

Esta foto es de esa época, cuando mi cuerpo, mi forma de hablar, la fragilidad de mi voz, fueron reconocidas como una amenaza por venir⁶ (CUELLO, 2017, p. 128).

Nicolás Cuello (2017) denuncia em sua narrativa de infância a vigilância e o controle dos prazeres do corpo, do corpo gordo da criança comilona e do corpo da fala e da voz que se pretende consertar ou emudecer. Na regulação dessa virtualidade em direção ao adulto normalizado, a proteção e os cuidados com a criança traduzem-se em práticas explícitas de um governo biopolítico de seus corpos. A foto de Nicolás é, ao mesmo tempo, a denúncia desse governo e a resistência dos prazeres que sobrevivem e se fazem notar na memória da infância.

No conjunto de estratégias da sexopolítica, a infância naturaliza-se dentro de uma rígida demarcação entre normalidade e anormalidade. Disso decorre a necessidade de manutenção dessas estratégias e mecanismos, bem como dos regimes discursivos que os sustentam. A coerência e a unidade da experiência infantil em relação a uma identidade de gênero normativa são algumas dessas medidas (FERREIRA, 2016).

A formatação binária dos gêneros, ancorada, sobretudo, na demarcação do masculino e do feminino alinhados aos corpos sexuados, tal como nomeados pela biologia, fundamenta a noção de uma identidade de gênero coesa e uníssona (BUTLER, 2016a).

Essa estruturação do gênero, para Judith Butler (2016a), não acontece fora do campo dos discursos, das relações sociais, dos atos e dos modos como os corpos aparecem socialmente. São as performances de gênero, o processo de reiteração de discursos, atos, movimentos corporais, que produzem o gênero substantivo, ou seja, aquele que se apresenta como inteligível e reconhecível, como a única forma de existência possível por estar encarnado no corpo sexuado.

⁶ Esta foto é dessa época, quando meu corpo, minha forma de falar, a fragilidade da minha voz, foram reconhecidas como uma ameaça por vir (tradução nossa).

Essa reiteração dá-se por meio de citações à norma, dos modos como esta é reinocada nos discursos, nos atos e nas corporeidades, no esforço de se tornar uma pessoa viável dentro de um gênero. Entretanto, não é apenas o gênero, em seu caráter normativo, que é produzido nessas performances, mas também o que destoa e aparece como dissonância. Butler (2016a) entende que o gênero não é a expressão de um corpo, mas sim o que os corpos, em suas formas de aparecimento, produzem. São as existências performativas que criam tanto os efeitos normativos de gênero quanto os efeitos disruptivos.

De pequeña, lo masculino o femenino, hombre o mujer, macho o hembra, eran conceptos dicotómicos externos a mí, eran palabras inventadas por una sociedad que necesitaba clasificar, o era una cosa o era la otra, no puedes estar afuera de esa clasificación, no puedes ser otra cosa que aún no fue inventada. Cómo sentirse qué o quién en un mundo de hombres y de mujeres? [...] Por qué las palabras son masculinas o femeninas? Por qué declaro que en mi niñez mi expresión de género, gran parte del tiempo fue masculina? Porque los demás, ellos, todos... y todas, la sociedad, clasifica sólo en dos. Y eso que yo manifestaba, en formas de vestir, en deseos, en juegos, en expresiones corporales, para ellos y ellas era una expresión de género masculina⁷. (LAVIA, 2013, p. 111).

A necessidade da classificação do gênero e da sua performance binária como norma de vida aparece, na memória de infância de Natalia Lavia (2013), sob a forma de muitas inquietações. Essa classificação é excludente e regida por dicotomias rigorosas, que não admitem dúvidas. Existir como um gênero válido e viável apenas é possível dentro dessa taxonomia que, desde a infância, já insiste no encaixe do corpo a uma nomenclatura como forma de selar um destino e produzir uma subjetividade compulsória: feminino ou masculino. Natalia, entretanto, reaviva o corpo da criança que, embora escape e embaralhe a demarcação binária, não pode ficar sem a chancela do gênero normativo para tornar-se inteligível: “era una expresión de género masculina”.

As reiterações e citações das normas não mantêm estáveis os seus efeitos de subjetivação, de modo que o processo de produção de identidades, na perspectiva de Butler, nunca é uniforme. Perturbadas pelas ameaças de fugas e escapes ao que se esforça por manter contínuo, as normas, nas performances de gênero, dobram-se a resignificações. Como afirma Vladimir Safatle (2015, p. 189), a qualquer momento, é possível “sair dos trilhos” das normas, mesmo em seu processo de reiteração.

Nicolás Cuello (2017, p. 129), mais uma vez em referência à sua foto (FIGURA 1), escreve:

Esta foto me gusta por eso, porque enlaza dos formas de nombrar un cuerpo, difíciles de separar, que hasta el día de hoy me acompañan y se volvieron constitutivas del relato político de mi vida. Gordo maricón, gordo trolo, gordo comilón, gordo puto. Dos aullidos,

7 De pequena, o masculino ou feminino, homem ou mulher, macho ou fêmea, eram conceitos dicotômicos externos a mim, eram palavras inventadas por uma sociedade que necessitava classificar, ou era uma coisa ou era a outra, não puedes estar fora dessa classificação, não puedes ser outra coisa que ainda não foi inventada. Como sentir-se o quê ou quem em um mundo de homens e mulheres? [...] Por que as palavras são masculinas ou femininas? Por que declaro que em minha meninice minha expressão de gênero, em grande parte do tempo foi masculina? Porque os demais, eles, todos... e todas, a sociedade, classifica apenas em dois. E isso que eu manifestava, em formas de vestir, em desejos, em jogos, em expressões corporais, para eles e elas era uma expressão de gênero masculina (tradução nossa).

un solo cuerpo. Dos oportunidades singulares de habitar el fracasso de una trayectoria de género violentamente asignada. Dos piedras que irrumpen en el curso somnoliento de un río olvidado. Dos diferencias con efectos singularizantes que me resguardaron de colaborar con rituales de sociabilidad y afirmación que no tenían que ver con la pulsante lengua de mi deseo. Dos tickets de salida de un mundo aburrido y precodificado. Dos formas de un mismo descalce en el curso abominable de la magra heterosexualidad. Dos formas de aparición de la alegría. Dos pliegues sudorosos de una piel morena encendida⁸.

A infância de Nicolás é um visível território de disputas entre a afirmação de uma norma, violenta na sua reiteração e na forma como impõe uma trajetória de vida com a promessa da sociabilidade e o desejo singularizante de escapar dessa rota. Essas disputas inscrevem-se no corpo que performa e dá materialidade ao gênero, tanto o requisitado, da trajetória designada, quanto o rechaçado, porém desejado. São sentidos e efeitos de gênero que atravessam um mesmo corpo, nomeado como o corpo do menino gordo e marica, que, por um lado, sofre a injúria do nome que recebe e, por outro, resiste a viver a identidade da “magra heterosexualidad” (CUELLO, 2017, p. 129).

A sexopolítica normativa estabelece, para meninos e meninas, os requisitos indispensáveis para a estruturação e a conformação a identidades de gênero e sexuais pautadas na coerência sexo-gênero e de acordo com as prescrições do desenvolvimento e da inocência como a moralidade da infância.

4 NAS NARRATIVAS DE INFÂNCIA, CORPOS DISSONANTES E SEMIÓTICAS DE GÊNERO EM DISPUTAS

As normas não apenas produzem o que normatizam, mas também o que contra elas funciona. Não há norma que, de maneira solitária, tenha eficácia. Seus efeitos são dependentes da criação do alvo de seu repúdio, daquilo que pela norma deve ser combatido e rechaçado com vigor. Desse modo, toda norma produz o seu abjeto. É na condição de “exterior constitutivo” da norma que o abjeto, como sinaliza Butler (2015, p. 20), se apresenta como o seu “repúdio fundacional”. Contudo, o abjeto não é apenas a ameaça à norma ou o alvo do seu rechaço, mas também a crítica que reconfigura a sua própria inteligibilidade, na denúncia das violações que ela produz.

Por não existir corpo fora de enquadres sociais, que não seja atravessado por uma ontologia, como ressalta Butler (2016b), é no corpo e com o corpo que o gênero também se produz e assim o faz por meio de uma semiótica, que tem nas roupas, nas cores, nos comportamentos, nos gestos, nos movimentos corporais os signos que compõem essa linguagem.

⁸ Gosto desta foto por isto, porque enlaça duas formas de nomear um corpo, difíceis de separar, que até o dia de hoje me acompanham e se tornam constitutivas do relato político de minha vida. Gordo marica, gordo desviado, gordo comilão, gordo puto. Dois uivos, um só corpo. Duas oportunidades singulares de habitar o fracasso de uma trajetória de gênero violentamente atribuída. Duas pedras que irrompem no curso sonolento de um rio esquecido. Duas diferenças com efeitos singularizantes que me resguardaram de colaborar com rituais de sociabilidade e afirmação que não tinham a ver com a língua pulsante do meu desejo. Dois tickets de saída de um mundo entediado e precodificado. Duas formas da mesma incompatibilidade no curso abominável da magra heterossexualidade. Duas formas de aparição da alegria. Duas dobras suadas de uma pele morena iluminada (tradução nossa).

Si algo recuerdo de mi infancia, es mi decidida confrontación al uso de la pollera, yo sabía que esa ropa no era para mí y siempre luché para que me dejaran usar pantalones. [...]

Las frases eran repetitivas, “síntese como una señorita”, “No sea varonera”, “Se le ve la bombacha”, me sentía coartada al hacer lo que sentía, a moverme como yo quería y eso hizo que deteste para siempre las polleras⁹. (TORRES, 2013, p. 49).

As saias, para Marcela Torres (2013), operam como a camisa de força de um gênero que ao corpo da menina insiste em se acoplar, mas também são o signo contra o qual a sua luta ganha potência na resistência de um corpo cujo movimento desloca-se de tal forma a ponto de fazer com que as próprias saias o deixem à mostra, fracassando na sua tarefa de sinalizar e conter o corpo feminino. As roupas, nas performances de gênero, têm poderes de demarcação de mundos, identidades e corpos. São artefatos indispensáveis dos regimes de inteligibilidade do gênero, no arbítrio do que é viável ou não.

Odiar que las mujeres de la familia se empeñen en dejarte el cabello largo. Odiar los rode-tes, las trenzas, que te cepillen (tiren) el pelo. Odiar los moños...

Odiar que te crezcan las tetas porque ya no podés seguir andando en cuero y en patas como tus amiguitos varones.

Aprender a negociar con los adultos para poder hacer/ser

*¿Qué? Varón, mujer. ¿Quién?*¹⁰ (TRON, 2013, p. 64).

Os corpos precisam ser alterados para estarem em sintonia com o gênero normativo. Esse corpo alinhado ao ideal de menina, de cabelos penteados, com madeixas, tranças e coques, de tetas cobertas, é a denúncia na memória de infância de Fabi Tron (2013). Fazer-se/tornar-se e ser exige negociações, desde a infância, com o mundo dos adultos, das normas, dos corpos exaustivamente codificados em gêneros que põem em funcionamento regimes de verdade e a ordem social de um mundo cindido e binário.

Cuando crecí también odié la primera¹¹, por la camiseta.

Me hacía picar el cuello, me apretujaba en los brazos y me raspaba el estampado de plástico en la panza.

9 Se algo recorde de minha infância, é minha decidida confrontação ao uso de saias, eu sabia que essa roupa não era para mim e sempre lutei para que me deixassem usar calças compridas.

[...]

As frases eram repetitivas, “sente-se como uma senhorita”, “Não seja machona”, “Vê a calcinha”, me sentia coagida ao fazer o que sentia, ao mover-me como eu queria e isso fez com que detestasse para sempre as saias (tradução nossa).

10 Odiar que as mulheres da família se empenhem em deixar o seu cabelo comprido. Odiar as madeixas, as tranças, que te escovem (puxem) o cabelo. Odiar os coques... Odiar que cresçam as tetas porque já não pode seguir andando pelada como os seus amiguinhos meninos.

Aprender a negociar com os adultos para poder fazer/ser

O quê? Homem, mulher... Quem? (tradução nossa).

11 xara sacchi refere-se aqui à primeira versão da foto que escolhe para compor a sua narrativa de infância.

En esas fotos están el entramado del acto del aparecer del cuerpo en el malestar y el acto de la desaparición forzada.

Esa camiseta es como un santo y seña de la invisibilidad¹². (SACCHI, 2013, p. 79).

Figura 2 – “Familiar”, de xara sacchi



Fonte: Sacchi (2013, p. 78).

A camiseta apertada de xara sacchi (2013), que tranca e tampa o corpo da menina, é signo da invisibilização, do desaparecimento forçado do corpo feminino na infância. Ao mesmo tempo, ela é a denúncia dos incômodos da camiseta vestida como uma armadura no corpo. A roupa é um objeto que ensina o corpo a ser, a comportar-se, a viver o gênero que ela encarna.

O quadro montado com as fotos da camiseta no corpo de xara é o aparecimento social do mal-estar da normatividade na sua própria reiteração: “En esas fotos están el entramado del acto del aparecer del cuerpo en el malestar y el acto de la desaparición forzada” (SACCHI, 2013, p. 79). É a composição das imagens repetidas da camiseta que aperta e sufoca com o sofrimento que ela produz. Entre o jogo do desaparecimento do corpo e do seu aparecimento como repúdio a esse apagamento, é preciso, nas palavras de valeria flores (SACCHI, 2013, p. 130), “aborrecer vestidos”.

¹² Quando eu cresci, também odiei a primeira, por causa da camiseta.

Me picava o pescoço, me apertava os braços e raspava a estampa de plástico na minha barriga.

Nessas fotos estão o quadro do ato de aparecer do corpo no mal-estar e o ato de desaparecimento forçado.

Essa camiseta é como um santo e sinal de invisibilidade (tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes sociais digitais e a internet são um campo de práticas culturais e de produção de experiências. Quando detemos o olhar sobre os processos que estão envolvidos na produção de experiências de infância com os gêneros e as sexualidades, deparamo-nos com os atravessamentos dos marcadores etários nesse contexto.

O debate proposto, neste artigo, é o de situar e fazer movimentar as semióticas envolvidas nas experiências de corpos infantis com os gêneros e as sexualidades, de modo que se possa produzir outros modos de olhar a infância. Outros modos que se aventuram a questionar, a partir da experiência com/na infância, os itinerários estabelecidos pelas narrativas científicas e culturais (hegemônicas) sobre como os gêneros se produzem, na condição de efeitos de práticas vigentes na família, na escola, na cultura e na sociedade e são expressos (entre suas multiplicidades de possibilidades), considerando as performatividades vividas pelas crianças.

Os intercessores que nos acompanham nesse processo tomam os estudos de gênero e *queer* pós-estruturalistas como aliados na análise das experiências dos corpos infantis, que provocam deslocamentos dos processos hegemônicos e ritualísticos sobre as binaridades de gênero (ser menina e/ou ser menino na vida). Ainda, atrevemo-nos a promover o debate sobre os corpos infantis que interrogam as hegemonias de gêneros e sexualidades nos fluxos das redes sociais digitais e internet.

Sobre esse contexto, pensamos que as redes sociais e internet são espaços de tecnologias de gênero que não estão alheias a essas experiências dos corpos infantis com os gêneros e as sexualidades. Não são somente dispositivos que permitem o acesso a informações (assumidas como proibidas por alguns educadores que defendem o não-saber de crianças sobre o sexo e o gênero), mas a experiências que promovem conexões e deslocamentos nos processos de apropriação e embaralhamento de códigos do masculino e do feminino.

Ao mesmo tempo, a produção de imagens e escrita das experiências infantis com gêneros e sexualidades são importantes dados sobre os modos como vivemos (e produzimos) nossos corpos, afetos e sociabilidades. Essas produções culturais, na forma de livros digitais ou sites/blogs, dialogam com as perspectivas de estudos que buscam narrativas positivadas sobre vidas que, muitas vezes, são consideradas invisíveis e descartáveis.

Butler (2018) dedica-se a pensar nas formas diferenciais de poder que vão mediar as liberdades de aparecer na vida social. Essas formas de poder, produtoras de desigualdades sociais, esquecimentos e desaparecimentos, estão ancoradas em regimes de inteligibilidade da vida, que são definidores das existências consideradas *válidas ou não*.

Desse modo, a persistência do aparecimento social dessas vidas *é uma forma de resistência e indispensável para a luta democrática. Sem dúvida, as narrativas de Chonguitas e Mariconcitos*, gestadas e visíveis no ciberespaço, são ações dessa persistência, uma vez que, com elas e por meio delas, é possível resistir contra as políticas de esquecimento forçado, presentes, sobretudo, em contextos de exceção, em que a democracia está em risco, fazendo aparecer socialmente infâncias e corpos sobre os quais essas políticas incidem.

Entretanto, ainda há muito o que se investigar a partir dessas produções culturais e de seus efeitos nos processos de subjetivação de gêneros e sexualidades. A necessidade de analisadores sobre a produção da experiência na forma artística das narrativas escrita e imagética, que apresentam a história autobiográfica, ganha importância em conexão com outras experiências possíveis, que promovam a circulação de sentidos sobre os corpos infantis.

Em nosso caso específico, tratar dessas produções no contexto da América Latina é também denunciar as formas de violência promovidas sobre esses corpos na dobra da norma. Os processos culturais dos papéis de gêneros e sexuais no contexto latino-americano têm forte relação com o patriarcado e com a heteronormatividade, em que as trajetórias das crianças já obedecem a um roteiro pré-definido na comunidade e na sociedade.

Os retratos e textos evocados nas produções analisadas são modos de se apropriar de maneira disruptiva da relação biunívoca sexo-gênero, que provoca o projeto de sua aniquilação, como vemos em diversos relatos sobre pais que matam seus filhos e filhas por não cumprirem a programação heterocisnormativa para a vida. *Chonguitas e Mariconcitos* são efeitos da luta pelo direito de expressar os gêneros desejantes de viver em corpos que não são autorizados a isso.

REFERÊNCIAS

BAGAGLI, Beatriz Paglarini. **Cisgênero nos discursos feministas**: uma palavra tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida. Campinas-SP: UNICAMP/IEL, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 2. ed. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BURGOS, Juan Manuel; THEUMER, Emmanuel (Org.). **Mariconcitos**. Feminidades de niños, placeres de infancia. Córdoba: Edición de los autores, 2017.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

- CASTAÑEDA, Claudia. **Figurations**: child, bodies, worlds. London: Duke University Press, 2002.
- CUELLO, Nicolás. El postrecito. *In*: BURGOS, Juan Manuel; THEUMER, Emmanuel (Org.). **Mariconcitos**. Feminidades de niños, placeres de infancia. Córdoba: Edición de los autores, 2017. p. 126-129.
- DE LAURETIS, Teresa. Tecnologias de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa B. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- FERREIRA, Marcelo Santana. Sobre crianças, sexopolítica e escrita de si. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 51-64, 2016.
- FLORES, Valeria. Rara. *In*: TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013. p. 127-131.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1988.
- GIUSTI, Iran. **Como o “criança viada” virou militância, motivo de histeria reacionária e um crime**. http://medium.com/@lrangiusti_/como-o-criança-viada-virou-militância-motivo-de-histeria-reacionária-e-um-crime-e97b50a12f8b, set., 2017. Acesso em: 12 abr. 2019.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista. *In*: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 33-118.
- LAVIA, Natalia “taty”. Ser chong@ y no morir em el intento. TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013. p. 110-113.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SACCHI, Xara. Familiar. *In*: TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013. p. 78-83.
- SAFATLE, Vladimir. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. *In*: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 173-196.
- TORRES, Marcela. La guerra contra las polleras. *In*: TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013. p. 48-50.

TRON, Fabi. Abrir la puerta para ir a jugar. /n: TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013. p. 62-66.

TRON, Fabi; FLORES, Valeria. (Org.). **Chonguitas**. Masculinidades de niñas. Neuquén: La Mondoga Dark, 2013.

Recebido em: 30 de Outubro de 2019

Avaliado em: 5 de Novembro de 2019

Aceito em: 10 de Novembro de 2019



A autenticidade
desse artigo pode ser
conferida no site
<https://periodicos.set.edu.br>

1. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio; Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Educação e do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus de Rondonópolis. E-mail: ramidan@terra.com.br.

2. Doutor em Educação pela UNICAMP; Professor Associado do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Departamento de Psicologia Social e Educacional, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Assis. E-mail: leonardo.lemos@unesp.br.



Este artigo é licenciado na modalidade
acesso aberto sob a Atribuição-Compartilha
Igual CC BY-SA

